

Antes de viajar, Malan e Fraga acertam apoio

O ESTADO DE S. PAULO

Ministro e presidente do BC vão aos EUA na segunda-feira para reunião com banqueiros

BRASÍLIA - O ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central (BC), Armínio Fraga, reúnem-se com banqueiros internacionais na próxima segunda-feira em Nova York com um trunfo e uma esperança de que as linhas comerciais destinadas ao financiamento das exportações sejam restabelecidas. O trunfo é que o apoio do Fundo Monetário Internacional (FMI) ao País foi, efetivamente, seguido da concordância dos principais candidatos à Presidência da República com a iniciativa, conforme deixara subentendida a nota do diretor-gerente do Fundo, Horst Köhler, quando da divulgação do apoio.

A esperança de volta gradual das linhas vem do fato de que existem indícios crescentes de que algum nível de entendimento prévio terá sido acertado. Ontem, divulgou-se que as conversas serão acompanhadas de diretores do Banco Mundial, do Banco Interamericano de Desenvolvimento e do próprio FMI. Também se anunciou ontem que o Eximbank americano está disposto a oferecer uma linha de crédito de US\$ 2 bilhões para financiar as vendas de empresas americanas ao Brasil. Evidentemente isso se destina a proteger o interesse das empresas dos EUA, mas é sabido que as linhas de financiamento vêm secando nas duas direções, tanto nas vendas do Brasil para fora, quanto em suas importações.

Segundo Armínio Fraga, o apoio que está sendo costurado é diferente daquele acertado na mudança do regime cambial, em 1999.

Naquela época, o BC negociou apenas a manutenção de recursos para financiar exportações e importações. Agora, o governo quer mais. "As vezes, as instituições podem ampliar o volume de linhas para o comércio mas reduzir outras modalidades de crédito", argumentou Fraga.

Na lista de convidados para o encontro que ocorrerá na sede do Federal Reserve (Fed) estão os principais bancos que operam com o Brasil, sejam americanos, europeus ou asiáticos. Antes mesmo de embarcar para essa viagem, Fraga tem se empenhado pessoalmente na reconstrução dessa confiança externa. O presidente do BC aumentou a sua jornada de trabalho e, nos últimos dias, tem chegado mais cedo na sede do BC para ligar para representantes dos bancos centrais de outros países e órgãos reguladores com o mesmo discurso: "O Brasil tem toda condição de superar esse momento".

"Já avançamos em duas frentes: na construção de uma base doméstica de confiança que inclui a transição política e na obtenção de apoio financeiro", afirmou. "Agora, decidimos adotar medidas para trazer alívio para nosso balanço de pagamentos e para linhas externas", completou.

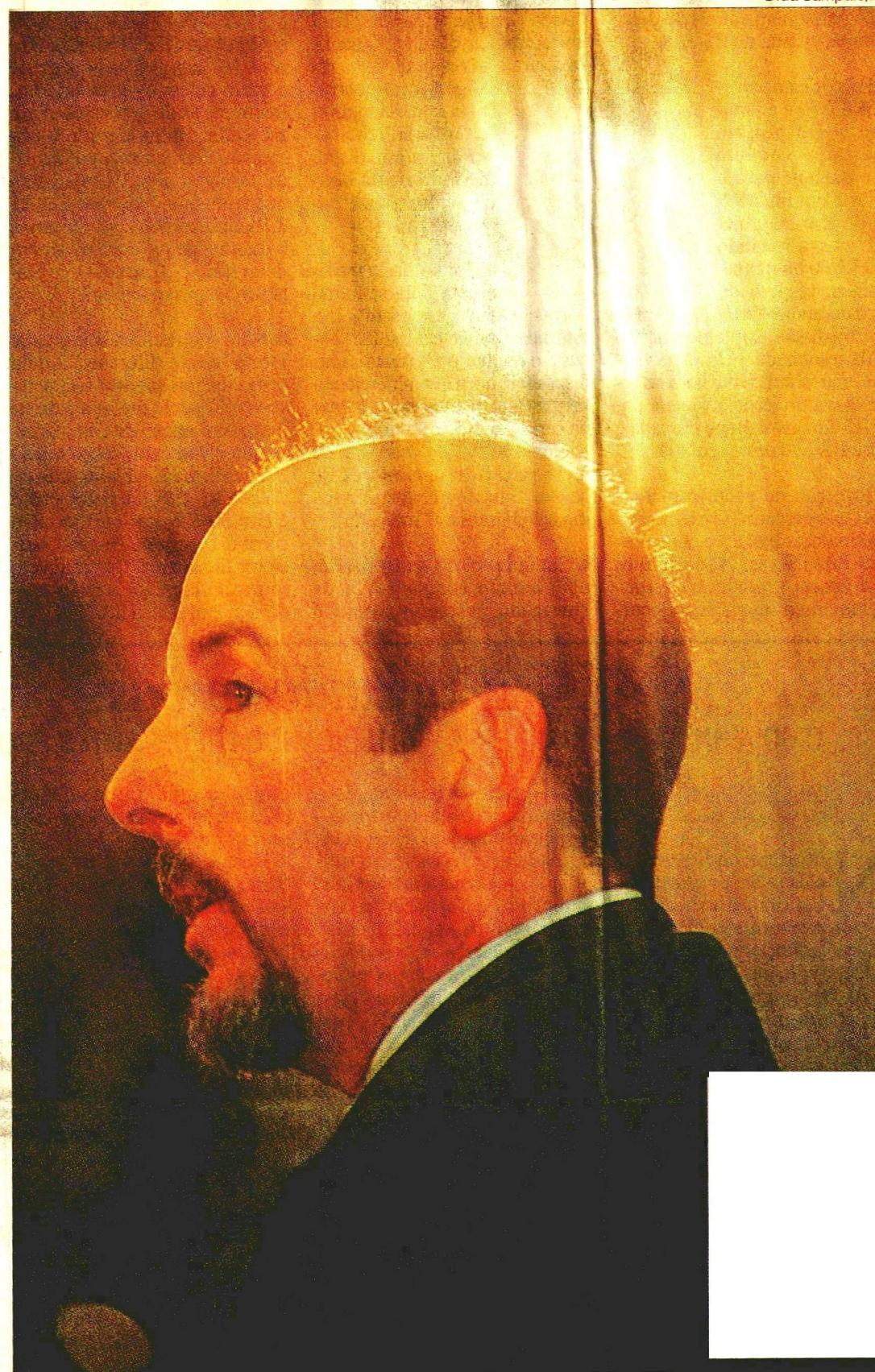
O ponto central da reunião será uma exposição sobre a situação da economia brasileira. Para isso, fará uma explanação sobre a melhoria da balança comercial e também a redução no déficit das contas externas.

Com relação ao processo eleitoral, ele pretende mostrar que há um consenso no País em torno de pontos considerados fundamentais para garantir uma transição tranquila e que inclui a estabilidade da moeda, responsabilidade fiscal e respeito a contratos.

Fraga disse ainda que não considera elevado o superávit primário de 3,75% do Produto Interno Bruto (PIB) previsto para os próximos anos.

Segundo ele, o valor ficou abaixo das expectativas do mercado. Para ele, essa é uma meta crível. (Sheila D'Amorim, com Gustavo Freire e Adriana Fernandes/AE)

Dida Sampaio/AE



Armínio Fraga: medidas para trazer alívio ao balanço de pagamentos e às linhas externas

32

Retorno aos níveis anteriores será difícil

Aversão aos mercados emergentes é mais crítica do que em 1999

ANDRÉ PALHANO

O encontro do presidente do Banco Central, Armínio Fraga, e do ministro da Fazenda, Pedro Malan, com banqueiros em Nova York, segunda-feira, poderá facilitar as renovações

das linhas comerciais e de vencimentos externos privados por parte das instituições financeiras. Talvez até acarrete o efeito de um pequeno aumento da oferta em relação aos críticos meses de junho, julho e agosto. Mas não resultará, segundo diversos bancos estrangeiros consultados pela Agência Estado, em garantia de que esse crédito externo voltará aos patamares anteriores à atual crise financeira, como ocorreu em 1999.

Esse processo de retomada será muito mais lento e gradual do que naquela época por três motivos: 1) a situação de liquidez internacional e de aversão aos mercados emergentes é substancialmente mais crítica hoje do que em 1999; 2) os bancos norte-americanos apresentarão resultados trimestrais agora em setembro, onde todo aumento de exposição em países como o Brasil, por conta do motivo anterior, será mal avaliado por analistas e pela própria direção dos bancos; e 3) em 1999 o mercado conseguia vislumbrar à frente mais três anos da política econômica da gestão FHC.

Por enquanto, em função das eleições, o futuro da política econômica no Brasil ainda é uma incógnita. "O Malan e o Fraga não se exporiam desse jeito, numa viagem internacional, se já não tivessem prospectado antes um retorno minimamente positivo. O que não quer dizer, em absoluto, que terão garantias de que o fluxo de dólares para o País será o mesmo do começo do ano", avalia o diretor de um

desses bancos. Pelas contas de outro grande banco internacional, as rolagens de eurobonds, que em junho e julho caíram para algo entre 30% e 35%, poderão voltar para os níveis de 50% a 60%. "Mas não integralmente como vinha ocorrendo antes", sublinha. Terá especial influência nesse sentido a participação de organismos como o FMI, o Tesouro dos Estados Unidos e os bancos centrais.